

ISABEL ALLENDE E CONCEIÇÃO EVARISTO – TRAVESSIAS IMAGINÁRIOS E ESCRIVIVÊNCIAS

Ezilda Maciel da Silva¹
Amilton José Freire de Queiroz²

RESUMO

Este trabalho propõe fazer a comparação dos contos *Dos palavras*, de Isabel Allende, (2001) e *Ayoluwa, a alegria de nosso povo* (2016), de Conceição Evaristo. Os dois textos desenvolvem uma leitura contrapontual do imaginário feminino nas sociedades chilena e brasileira, figurando práticas, discursos e saberes cuja espessura estética, literária, antropológica e cultural aponta outros caminhos da história e literatura latino-americana. Para discutir essa mirada crítica de releitura e reescrita do papel da mulher no contemporâneo, parte-se das interlocuções entre a Teoria Literária, os Estudos de gênero, os Estudos Pós-coloniais e a Literatura Comparada, especialmente na perspectiva de Thomas Bonnici (2009) Eurídice Figueiredo (2020), Eduardo Coutinho (2010), Heloísa Buarque de Holanda (1996) e Lúcia Osana Zolin (2009), entre outros. Ao dialogar com tais estudiosos, busca-se compreender as estratégias de figuração de Allende e Evaristo, ao construírem mundos ficcionais com múltiplas linhas de fuga na língua, cultura e voz de personagens cujas alteridades movem-se em direção à estrangeiridade do próprio ato de narrar. Com isso, espera-se, finalmente, examinar as travessias literárias de duas autoras latino-americanas que inscrevem novos horizontes de expectativa para descortinar imaginários, epistemologias e memórias em trânsito, de modo a cartografar, ao fim e ao cabo, a polifonia e escrevivência do corpo, linguagem e experiência da mulher na literatura e história contemporâneas.

Palavras-chave: Literatura, Mulher, Escrita.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a crítica feminista tem promovido, de forma ainda mais incisiva, a ruptura entre limites ideológicos, políticos e temáticos, outrora base para justificar a manutenção de uma política patriarcal, excludente e opressora. Poéticas de escritoras como Isabel Allende e Conceição Evaristo são significativas de como essas novas estratégias estão sendo pensadas para viabilizar a disruptura entre os gêneros, promovendo a mulher ao lugar, intelectual, social e político que lhe é direito. Essas duas escritoras, cada uma a sua maneira, buscam apontar a força modificadora que somente a arte pode exercer.

Não sem razão, as literaturas de Conceição Evaristo e Isabel e Allende têm despertado múltiplas práticas de análise e interpretação no âmbito da teoria, crítica e comparatismo literário. Não apenas pela singularidade de seus traços autorais, mas especialmente, porque suas poéticas desenvolvem releituras e reescritas dos imaginários femininos, permitindo detectar as

¹ Doutora em Letras pela Universidade de Brasília - UNB - DF - ezilda34@gmail.com.

² Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS - amiltqueiroz@hotmail.com

mudanças articuladas para tratar de questões familiares, corporais e escriturais neste novo milênio.

Sendo assim, os atos de reler e reescrever destas duas vozes latino-americanas estão centrados no questionamento da submissão a uma ditadura estética, de modo a permitir a circulação corporal e intelectual de mulheres a interpelar, de um lado, o que os homens disseram sobre elas, e de outro lado, assumir a escrita para dizerem a si mesmas. Com isso, o processo de reescrita de histórias, memórias e experiências femininas tem consistido em revisar a contrapelo as relações intersubjetivas e interculturais das sociedades chilena e brasileira.

Ao abordarem temas como violência física, violência simbólica, maternidade, estupro, incesto, relações abusivas, velhice, infância, cultura letrada, oralidade, corpo, lesbianidade, prostituição, dentre outros, essas autoras demonstram liberdade na escrita ficcional, tanto do ponto de vista da forma quanto do conteúdo convertendo-se, portanto, em espaços nos quais suas poéticas “se enuncia *para e por* outro” (2013, p.75), como postula Leonor Arfuch sobre os modos de a escrita literária dar forma a experiência.

E por isso mesmo, a dramatização desses eus resultam em estratégias que visam explorar nos contos *Ayoluwa, a alegria de nosso povo*, de Conceição Evaristo, e *Dos Palabras*, de Isabel Allende, aspectos a encenar travessias, imaginários e dissonância, revelando um mundo plural, heterogêneo que comportam personagens cujas performances ensejam visões multifacetadas das alteridades femininas latino-americanas.

Postas estas breves considerações iniciais, passaremos a apontar os modos através dos quais o cruzamento de práticas e saberes históricos, literários e políticos distingue, pois, seus textos, com a promoção de migrações, deslocamentos e imaginários insubmissos, não raro com uma perspectiva diferenciada da voz e olhar de mulheres construídas a partir da margem.

DESENVOLVIMENTO

Thomas Bonnici argumenta que a “teoria e a crítica pós-colonialista, ao constituir uma nova estética pela qual os textos são interpretados, estudam a íntima relação entre discurso e poder” (BONNICI, 2009, p.257). Em diálogo com essa visão crítica, vamos, então, aos textos de Allende e Evaristo para verificar como tais relações de poder se configuram nas travessias, imaginários e escrevivências das autoras.

Para tanto, guia-nos também a lição de Lúcia Zolin, especialmente a de que:

Ler, portanto, um texto literário tomando como instrumentos os conceitos operatórios fornecidos pela crítica feminista implica investiagr o modo pelo qual tal texto está marcado pela diferença de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar

o senso crítico e promover mudanças de mentalidades, ou, por outro lado, divulgar posturas críticas por parte dos(as) escritores(as) em relação às convenções sociais que, historicamente, têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos (ZOLIN, 2009, p.218).

Em permanente interlocução com este modo de pensar, começamos nossa leitura pelo conto *Ayoluwa, alegria de nosso povo*, publicado, primeiramente, nos *Cadernos Negros* (2005). Depois, em *Olhos d'água* (2014). Conceição Evaristo mapeia, um lugar outro para a mulher afro-brasileira, um lugar híbrido que serve de borda e fronteira para o deslocamento físico e simbólico do corpo feminino nas comunidades ancestrais.

O conto é composto por nove parágrafos onde o leitor acompanha a trajetória de velhos, mulheres, crianças na trama da tristeza, resiliência e luta por sobreviver em meio aos paradoxos da vida. A narradora do conto é uma afro-brasileira que sonda o universo da alegria, desejo e afeto, ao reler e reescrever, com um vigor lírico, o drama humano. Ela tem a função de rememorar as linhas de fuga de uma comunidade de tradição oral para testemunhar a tensão de tempos, espaços e horizontes do ato de nomear, conhecer e experienciar a estrangeiridade. Para tanto, o eu/nós coletivo da narradora figura uma passagem fundamental à literatura afro-brasileira: o deslocamento da situação de objeto para sujeito da escritura. Noutras palavras, a narradora está posicionada entre o passado e o presente, ao traduzir e atualizar e a tradição cultural de mulheres, “como ferramenta estética, autoconhecimento e alavanca do mundo” (TOLLER, 2004, p.14).

Quando a menina Ayoluwa, a alegria do nosso povo, nasceu foi em boa hora para todos. Há muito que em nossa vida pitimbava. Os nossos dias passavam como um café sambango, ralo, frio e sem gosto. Cada dia era um sem quê nem porquê. E nós ali amolecidos, sem sustância alguma para aprumar nosso corpo. Repito: tudo era uma pitimba só. Escassez de tudo. Até a natureza minguava e nos confundia. Ora aparecia um sol desensoralado e que mais se assemelhava a uma bola murcha, lá na nascente. Um frio interior nos possuía então e nós mal enfrentávamos o dia sb a nula ação da estrela desfeita. Ora gotejava uma chuva de pingos tão ralos e escassos que mal molhava as pontas de nossos dedos. E então deu de faltar tudo: mãos para o trabalho, alimentos, água, matéria para os nossos pensamentos e sonhos, palavras para nossas bocas, cantos para as nossas vozes, movimento dança, desejos para nossos corpos (EVARISTO, 2016, p. 111-112).

Esta abertura do conto confirma que a escrita de mulheres contrói pontes, ainda na direção de Toller (2004), afinal, dramatiza-se o diálogo com vários repertórios culturais, enlaces de temporalidades e a inscrição antropológica de uma escrita que enfoca primordialmente o ser humano. Essa mulher escreve, narra, testemunha e denuncia os mecanismos de exclusão no curso dos acontecimentos da história, com vistas a apresentar, assim, pontos de vista diversos a respeito da dramatização do tempo ancestral e suas formas de elaborar alternativas de sobrevivência.

A narradora do conto é, assim, uma instância de inscrição da experiência: o estatuto da escrevivência, já que pulsiona e expande a história de vidas locais cuja espessura cultural, poética e escritural demanda, de certo, a adoção de uma visão de mundo própria, configurada como discurso de diferença. Escrevivência, como bem enfatiza Evaristo, é uma estratégia de intervenção, resistência e intersecção de saberes, práticas e poderes sobre os quais a linguagem é um dos fatores instituintes da diferença cultural no texto literário.

Aliás, é bom ter em conta que o escrever da narradora nasce do esforço de reterritorialização cultural das práticas orais da comunidade, principalmente através de uma linguagem descomprometida com os contratos de fala dominante (branca, patriarcal, sexista). Inclusive, tanto é assim que o sexto parágrafo não faz ardeios, antes desenvolve a semântica da diferença, quer dizer, amplia a prática da escrevivência:

A partir daquele momento, não houve quem não fosse fecundado pela esperança, dom que Bamidele trazia no sentido do seu nome. Toda a comunidade, mulheres, homens, os poucos velhos que ainda persistiam vivos, alguns mais jovens que escolheram não morrer, os pequeninhos que ainda não tinham sido contaminados totalmente pela tristeza, todos se engravidaram da criança nossa, do ser que ia chegar. E antes, muito antes de sabermos, a vida dele já está escrita na linha circular de nosso tempo. Lá estava uma nossa descendência sendo lançada à vida pelas mãos de nossos ancestrais (EVARISTO, 2016, p.113-114).

Não por acaso, a metáfora da esperança instala-se com bastante força nos membros daquela comunidade, que passa a ser relida em um texto que está dentro do imaginário, porque utiliza a mesma língua e, praticamente, os mesmos modos e processos de expressão. Entretanto, esse texto também está fora do imaginário etnocêntrico, visto que não se adéqua à fixidez do discurso nacional, mas sim convida a fazer travessias transculturais, transfronteiriças e transnacionais.

Não à toa, é por aí que se desenvolvem as imagens e situações narrativas do sétimo e oitavo parágrafos, com linhas de fuga a reconstruir o direito à esperança frente às contradições da vida em comunidade:

Ficamos plenos de esperança, mas não cegos diante de todas as nossas dificuldades. Sabíamos que tínhamos várias questões a enfrentar. A maior era a nossa dificuldade interior de acreditar novamente no valor da vida... Mas sempre inventamos a nossa sobrevivência. Entre nós, ainda estava a experiente Omolara, a que havia nascido no tempo certo. Parteira que repetia com sucesso a história de seu próprio nascimento, Omolara havia se recusado a se deixar morrer.

E no momento exato em que a vida milagrou no ventre de Bamidele, Omolara, aquela que tinha o dom de fazer vir as pessoas ao mundo, a conhecedora de todo ritual do nascimento, acolheu a criança de Bamidele. Uma menina que buscava caminho em meio a correnteza das águas íntimas de sua mãe. E todas nós sentimos, no instante em que Ayoluwa nascia, todas nós sentimos algo contorcer em nossos ventres, os homens também. Ninguém se assutou. Sabíamos que estávamos parindo em nós uma nova vida. E foi tão bonito o primeiro choro daquele que veio para trazer alegria para o nosso povo. O seu inicial grito, comprovando que nascia viva, acordou todos nós. E a

partir daí tudo mudou. Tomamos novamente a vida com nossas mãos (EVARISTO, 2016, p.114).

A narradora de Evaristo revela um saber/poder/fazer – o da escrevivência como atitude de renovação e não perpetuação de ideologias hegemônicas, como a patriarcal. Com isso, a narradora estaria, em nosso entender, a promover a desestabilização do “essencialismo, homogeneização e universalismo que sustenta a institucionalização da literatura e que subjaz às noções vigentes de tradição e cânone literário, ao discurso crítico da historiografia literária, às estratégias interpretativas da cultura patriarcal (SCHIMIDT, 1999. p, 36). É com a voz feminina a organizar o conteúdo e a forma literária que a história da comunidade afro-brasileira tem sua tradição reescrita a contrapelo, com o deslocamento do território da tristeza para alegria da experiência humana.

Assim, uma das várias questões que o conto de Evaristo nos apresenta é a figuração da mulher como produtora de conhecimento, saber e signo de esperança para combater o preconceito e inibir a discriminação religiosa, cultural sexual sem cair no simplismo maniquesista do panfleto.

Nessa mesma direção, a escritora e jornalista Isabel Allende, nascida em Lima, no Peru e naturalizada Chilena, também tem sido objeto de diversas práticas de análise e interpretação no âmbito da teoria, crítica e historiografia literária. Suas obras circulam por, pelo menos, 17 países, algumas, inclusive adaptadas a versão cinematográfica. O conto “*Dos Palabras*”, um dos 23 contos que integram o livro “*Cuentos de Eva Luna*”, foi publicado originalmente em 1989 e apresenta temáticas como subversão, empoderamento, sexualidade, desmitificação, disruptura, submissão, entre outras, apontando para novos processos de escrevivências que consistem em explorar a dimensão feminina coletiva da relação entre o vivido e o ficcional.

Dessa forma, as experiências de mulheres pobres, marginalizadas e oprimidas vão sendo reescritas de modo a ressignificar as ideologias machistas propagadas na cidade letrada no decorrer dos séculos. E, por isso mesmo, essa estratégia potencializa o acesso e a concretização de novos paradigmas sociais e ideológicos, instigando-nos a compreender, questionar e modificar o mundo em que hoje vivemos. Sendo assim, vale a pena observar, de perto, o que ensina Heloisa Buarque de Hollanda:

Um dos caminhos possíveis - e mais atraentes também – que se abre para a ampliação do debate teórico sobre as questões feministas, neste momento, seria, talvez, o investimento mais vigoroso na multiplicidade e na heterogeneidade das demandas femininas, bem como nas próprias diferenças manifestas entre mulheres de contextos e circunstâncias diversas. Nessa perspectiva considero como importantíssimo o recente impulso na mulher nas sociedades periféricas. São estes estudos os grandes responsáveis pelo movimento de inclusão dos temas do racismo, anti-semitismo, do imperialismo, do colonialismo e da ênfase nas diferenças de classe no debate feminista mais recente (HOLLANDA, 1992, p.60-61).

No conto, a imaginação toma conta do leitor, ao conhecer a história de Belisa Crepusculario, menina de origem pobre, que ousa traçar seu próprio destino através das palavras. É por esse caminho que ela aprende ler, manuseá-las e utilizar-se das palavras em benefício próprio e dos demais.

Belisa Crepusculario salvó la vida y además descubrió por casualidad la escritura. Al llegar a una aldea en las proximidades de la costa, el viento colocó a sus pies una hoja de periódico. Ella tomó aquel papel amarillo y quebradizo y estuvo largo rato observándolo sin adivinar su uso, hasta que la curiosidad pudo más que su timidez. Se acercó a un hombre que lavaba un caballo en el mismo charco turbio donde ella saciara su sed. —¿Qué es esto? —preguntó. —La página deportiva del periódico —replicó el hombre sin dar muestras de asombro ante su ignorancia. La respuesta dejó atónita a la muchacha, pero no quiso parecer descarada y se limitó a inquirir el significado de las patitas de mosca dibujadas sobre el papel. —Son palabras, niña. [...] Ese día Belisa Crepusculario se enteró que las palabras andan sueltas sin dueño y cualquiera con un poco de maña puede apoderárselas para comerciar con ellas. (ALLENDE, 2004, p. 17)

É por meio desse episódio casuístico que Belisa “se enteró que las palabras andan sueltas sin dueño y cualquiera con un poco de maña puede apoderárselas para comerciar con ellas.” (ALLENDE, 2005, p. 17) e assim modificar o destino daqueles com os quais essas palavras venham a cruzar. Assim como para ela, que completa miséria e nenhuma perspectiva de melhoria, esse conhecimento pode servir não apenas na esfera individual, mas também coletiva. É através do conhecimento das palavras que Belisa se deixa transformar e transforma o destino de muitos, ao propagar através das palavras a força modificadora e inesgotável nelas contidas.

Não por acaso, o domínio das palavras é o artifício principal usado por Belisa para não apenas sobreviver, mas também subverter a ordem social e patriarcal que vigia naquela sociedade. Poder que aliás, não é demais enfatizar, foi sonegado secularmente às mulheres, proibindo-as não apenas de sua expressão, mas também, de qualquer perspectiva de mudança ou transformação social. Assim descreve o narrador.

Consideró su situación y concluyó que aparte de prostituirse o emplearse como sirvienta en las cocinas de los ricos, eran pocas las ocupaciones que podía desempeñar. Vender palabras le pareció una alternativa decente. A partir de ese momento ejerció esa profesión y nunca le interesó otra. (ALLENDE, 2004, p.17)

Não por acaso, a história de Belisa se constitui como metáfora da própria literatura, vez que ambas possuem o poder de apresentar o mundo sob diversas perspectivas. Nesse caso, imagens que resgatam os papéis sociais e instigam a promoção de estratégias que estimulam o questionamento dos valores tradicionalistas que “justificam” essa dominação. Para Eurídice Figueiredo, “trata-se, pois, de estudar, através dos escritos literários e ensaísticos, das mulheres, permanências e mudanças de seu estatuto na sociedade (FIGUEIREDO, 2020, p.11).

No caso de Belisa, numa manhã de agosto em um dos muitos povoados por onde migrava, vendendo palavras ela foi abordada por um homem chamado Mulato, capataz chefe

dos homens do Coronel, e violentamente carregada até o acampamento do homem mais temido e mais solitário do mundo. O avistou por primeira vez deitado em uma rede, “encima la sombra incierta del follaje y la sombra imborrable de muchos años viviendo como um bandido” (ALLENDE, 2004, p.19. A ordem dada a Belisa foi para escrever o discurso presidencial a ser usado durante a campanha eleitoral.

Nesse sentido, ao sermos apresentados a essa mulher em contra posição a um homem violento e dominador, temos a representação de como as palavras podem, não apenas escrever o discurso presidencial, mas também exercer outro tipo de poder, seja criando, modificando ou antecipando destinos por meio de uma escritura literária empenhada em figurar dinâmicas que conferem às mulheres a oportunidade de desconstruir modelos patriarcais, apontando exemplos de como pode ser possível nos tornarmos protagonistas ativos na construção de nossos destinos.

Toda la noche y buena parte del día siguiente estuvo Belisa Crepusculario buscando en su repertorio las palabras apropiadas para un discurso presidencial, vigilada de cerca por el Mulato, quien no apartaba los ojos de sus firmes piernas de caminante y sus senos virginales. Descartó las palabras ásperas y secas, las demasiado floridas, las que estaban desteñidas por el abuso, las que ofrecían promesas improbables, las carentes de verdad y las confusas, para quedarse sólo con aquellas capaces de tocar con certeza el pensamiento de los hombres y la intuición de las mujeres. Haciendo uso de los conocimientos comprados al cura por veinte pesos, escribió el discurso en una hoja de papel y luego hizo señas al Mulato para que desatara la cuerda con la cual la había amarrado por los tobillos a un árbol. (ALLENDE, 2003, p.20)

Talvez dessa perspectiva, as palavras cuidadosamente escolhidas por Belisa, também possam servir para figurar as múltiplas significações que a palavra lida, ouvida ou sussurrada pode despertar.

Além dessa escolha, temos ainda a escolha das palavras secretas, presenteadas a todos aqueles que gastassem cinquenta centavos em sua compra. E, por tudo isso, todas essas palavras funcionam como estratégias para instigar o leitor a pensar o poder que esse domínio pode nos outorgar, haja vista o fato de que as palavras, “no eram las mismas para todos, por supuesto, porque eso habría sido un engaño colectivo. Cada uno recibía la suya con la certeza de que nadie más la empleaba para ese fin en el universo y más allá.” (ALLENDE, 2004, p. 22). Esse foi exatamente o caso das palavras sussurradas no ouvido do Coronel.

Ella leyó en alta voz el discurso. Lo leyó tres veces, para que su cliente pudiera grabárselo en la memoria.¹³ Cuando terminó vio la emoción en los rostros de los hombres de la tropa que se juntaron para escucharla y notó que los ojos amarillos del Coronel brillaban de entusiasmo, seguro de que con esas palabras el sillón presidencial sería suyo. [...]

¿Cuánto te debo por tu trabajo, mujer?

—preguntó el jefe. —Un peso, Coronel.

—No es caro

—dijo él abriendo la bolsa que llevaba colgada del cinturón con los restos del último botín.

—Además tienes derecho a una ñapa. Te corresponden dos palabras secretas —dijo Belisa Crepusculario.

—¿Cómo es eso? Ella procedió a explicarle que por cada cincuenta centavos que pagaba un cliente, le obsequiaba una palabra de uso exclusivo. El jefe se encogió de hombros, pues no tenía ni el menor interés en la oferta, pero no quiso ser descortés con quien lo había servido tan bien. Ella se aproximó sin prisa al taburete de suela donde él estaba sentado y se inclinó para entregarle su regalo. Entonces el hombre sintió el olor de animal montuno que se desprendía de esa mujer, el calor de incendio que irradiaban sus caderas, el roce terrible de sus cabellos, el aliento de yerbabuena susurrando en su oreja las dos palabras secretas a las cuales tenía derecho.

—Son tuyas, Coronel —dijo ella al retirarse. —Puedes emplearlas cuanto quieras. (ALLENDE, 2004, p. 21)

Como se percebe no excerto acima transcrito, Belisa exerce dois tipos de fascínio, a saber, o intelectual e o feminino: o de plurissignificar as palavras e o de encantar, e fazer imaginar quais palavras ela teria sussurrando. Nesse ponto, arrazoamos ainda, que os traços físicos do Coronel, bem como a ausência de um nome próprio, atuam como mecanismos propositalmente trazidos ao enredo para representar uma conduta coletiva do sexo masculino, destacando o fato de que “coronéis”, que postulam a força bruta para alcançar seus objetivos, também podem ser subvertidos através de estratégias contidas no poder da palavra artisticamente trabalhada.

Do mesmo modo, o nome Belisa Crepusculario, - anagrama de Isabel (Bel+Isa), ou seja, nome da própria autora e Crepusculario remete-nos a ideia de crepúsculo (início da noite x final do dia e vice versa), suscitando o interdito de que é possível transformar nossa história sonhar novos objetivos, pois sempre podemos recomeçar e reconstruir nossa história, em consonância com nossa determinação e objetivos.

Tenía el nombre de Belisa Crepusculario, pero no por fe de bautismo o acierto de su madre, sino porque ella misma lo buscó hasta encontrarlo y se vistió con él. Su oficio era vender palabras. Recorría el país, desde las regiones más altas y frías hasta las costas calientes, instalándose en las ferias y en los mercados, donde montaba cuatro palos con un toldo de lienzo, bajo el cual se protegía del sol y de la lluvia para atender a su clientela. No necesitaba pregonar su mercadería, porque de tanto caminar por aquí y por allá, todos la conocían. (ALLENDE, 2004, p.15)

A esse respeito, arrazoamos que a autonomia e escrevivência de Belisa, amplia uma figuração contrapontual de como a mulher pode marcar seu lugar social e epistêmico, conquistando independência e se emancipando através da palavra. Precisamente em razão de esses artifícios redesenharem o destino não apenas de Belisa, mas de todas as personagens com as quais ela entra em contato. E, nesse sentido, a palavra também dá à Belisa o poder de releitura e reescrita de outros sonhos além dos seus.

Colocados em situação de comparação, os contos de Allende e Evaristo formulam um discurso fundamentalmente plural, heterogêneo sobre travessias, imaginários e escrevivências. Em nosso entender, as duas autoras elaboram uma “cartografia que se afasta de qualquer

fronteira instituída arbitrariamente ou como um caráter hegemônico, substituindo-se, sempre que necessário, conceitos como o de “nação” por outros mais flexíveis, como o de regiões culturais (COUTINHO, 2010, p.37). As cartografias das regiões da palavra, do imaginário e da travessia são possibilitadas por uma escrevivência, isto é, um ato de reescrita, releitura da vivência plural e questionadora das práticas culturais. Os contos de Allende e Evaristo elaboram, portanto, uma polifonia do corpo e linguagem da mulher na literatura contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo isso, estamos diante de poéticas empenhadas em figurar a dinâmica da escrevivência em diálogo com temáticas, autorias, pontos de vista, linguagens e públicos cujas práticas de leitura enfocam uma realidade na qual as mulheres redesenham, das mais diversas formas, seu lugar no mundo.

Acima de tudo, os contos de Evaristo e Allende implicam redimensionamentos recepcionais e suplementos semânticos cuja gramática da escrevivência tem seu horizonte de releitura e reescrita num lugar de fala dessas escritoras: o da amplitude compósita, híbrida e plural de mulheres cuja prática polifonia de narrar a si mesmas faz refletir a realidade coletiva de muitas mulheres.

Comparar, assim, as textualidades das duas autoras é estar fora do texto ou dentro dele. Isto é, mapear o impacto das travessias, a força dos imaginários e o poder das escrevivências como linhas de fuga por onde transitam línguas, culturas e alteridades heterogêneas. Afinal, comparar é friccionar, dialogar e promover encontros entre textos, contextos, leitores e escrevivências ainda por cartografar em nossa atuação intelectual.

ABSTRACT

This work proposes to make a comparison of the short stories *Dos Palavras*, by Isabel Allende, (2001) and *Ayoluwa, the joy of our people* (2016), by Conceição Evaristo. The two texts develop a counterpoint reading of the female imaginary in Chilean and Brazilian societies, featuring practices, discourses and knowledge whose aesthetic, literary, anthropological and cultural depth points to other paths in Latin American history and literature. In order to discuss this critical view of re-reading and re-writing the role of women in the contemporary, we start from the interlocutions between Literary Theory, Gender Studies, Postcolonial Studies and Comparative Literature, especially from the perspective of Thomas Bonnici (2000) Eurídice Figueiredo (2020), Eduardo Coutinho (2009), Heloísa Buarque de Holanda (1994) and Lúcia Osana Zolin (2017), among others. When dialoguing with such scholars, we seek to understand the figuration strategies of Allende and Evaristo, when they build fictional worlds with multiple lines of flight in the language, culture and voice of characters whose alterities move towards the foreignness of the very act of narrating. With this, it is hoped, finally, to examine the literary journeys of two Latin American authors who inscribe new horizons of expectation to unveil imaginaries,

epistemologies and memories in transit, in order to map, in the end, the polyphony and writing of the body, language and experience of women in contemporary literature and history.

Palavras-chave: Literature, Woman, Writin

REFERÊNCIAS

- ALLENDE, Isabel. **Cuentos de Eva Luna**. 3ª ed. Buenos Aires. Suddamerica, 2004.
- ARFUCH, Leonor. **Memoria y autobiografía: exploraciones en los limites**. Buenos Aires, Fondo de Cultura Econômica, 2013.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural**. Trad. Paulo Sothe. Campinas, Editora Unicamp, 2011.
- BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.
- COUTINHO, Eduardo. Mutações do comparatismo no universo latino-americano: a questão da historiografia literária. In: SCHMIDT, Rita Terezinha. **Sob o signo do presente: intervenções comparatistas**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2010.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro, Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- FIGUEIREDO, E. **Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras**. Porto Alegre, Zouk, 2020.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque. Os estudos sobre mulher a a literatura no Brasil: uma primeira avaliação. In: Costa, A. O; BRUSCHINI, C. (Org.) **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro, Rosa dos tempos, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1992.
- LOBO, L. A dimensão histórica do feminismo atual. In. RAMALHO, C. **Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas**.
- SCHMIDT, R. T. A transgressão da margem e o destino de Celeste. In: **Seminário Nacional Mulher e Literatura**, 1997. Niteroi. Anais, EdUFF, 1999, P.672-682.
- ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.